

VERSOS ALEGRES

(publicação póstuma)

ABILIO MARTINS

É muito desagradável recordar com tristeza um homem que foi alegre. E assim era o meu antigo vizinho, amigo e compadre Abílio Martins. Alto, corpulento, com uma enorme calva tomando-lhe todo o alto da grande cabeça, não o posso recordar sem o sorriso que lhe era constante e parecia ser a exteriorização de seu espírito risonho, afetivo e bondoso. Formou-se em direito no Rio, e parece que levou mais tempo do que é preciso para um preparatoriano se transformar em bacharel. Não que lhe faltasse inteligência; ao contrário, talvez fosse porque lhe sobrava espírito, e ele andou a dispende-lo na capital carioca, enquanto a bolsa paterna não deu sinais de impaciência.

Não sei o que fez até o tempo em que foi para o Ipú, sua terra natal, onde constituiu família. Sei que naquela pequena cidade sua popularidade era grande.

Mas sua cordialidade se espalhava por toda aquela região, onde conhecia todas as figuras representativas, e mesmo as mais humildes, com seus defeitos, que ele tudo aproveitava para assuntos de suas troças.

Abílio Martins possuía o dom da forma e tinha muito espírito natural, que pode não ser infinitamente espiritual, mas é sempre muito engraçado.

Antes que os ianques adotassem o lema keep smiling, já Abílio olhava sorrindo para o mundo, do qual desapareceu tão prematuramente... Parece que em seus olhos havia um raio que descobria facilmente o lado cômico que todas as cousas e pessoas têm. E era esse ponto risível que ele gostava de focalizar para divertir-se, para dar expansão à sua veia cômica, de que nunca usou para ferir alguém profundamente...

Seu sensível coração, o coração que o traiu de maneira tão súbita e prematura, o impedia de maguar a sério as vítimas de suas troças.

*

* *

Na organização do governo do grande presidente Justiniano de Serpa, foi Abílio escolhido para o cargo de Chefe de Polícia. E foi então que o conheci.

Morávamos á pequena distancia um do outro, no bairro do Alagadico e iniciámos uma convivencia que cada vez se estreitou até o dia em que, tendo ido de automovel com uns amigos para o lado de Soure, foi fulminado por uma síncope cardíaca.

A despeito de sua natureza brincalhona, Abilio Martins era capaz de fazer coisas sérias, quer na vida prática, quer na poesia. E a prova é que foi um bom chefe de Polícia, e escreveu alguns versos sérios que poderiam ser assinados pelos melhores poetas.

Muito afetivo com a família, quando se inspirava nos filhos produzia verdadeiras joias de sentimento e graça. Seja exemplo o

BILHETE A' FRANCELINA

Ah, minha filha, eu te mando
(E estou certo que ele vai...)
Nos versos que estou traçando,
O coração de teu pai.

Meu coração é sujeito
Aivoroçado na vida:
Já está batendo no peito
Como quem está de partida.

Ah, que ele é tão teu amigo
Que, embora siga sosinho,
Para encontrar-se contigo
Duvido que erre o caminho!...

*

* *

Pena é que o meu saudoso amigo, com o seu programa de levar a rir esta vida de que tão cedo foi privado por um fatal destino, se haja mantido nas letras dentro dos limites de um diletantismo, que nunca pretendeu exceder, e com o qual se contentava seu espírito sem ambição e sem vaidade.

Foi um dia muito triste para a sua família e nós, seus amigos, esse em que voltou cadáver dessa malfadada excursão para a qual partira sorrindo.

E com a publicação destes versos, fica o público sabendo que Abilio não era somente um homem espirituoso, mas também uma formosa intelligencia que veio aumentar o património intelectual de nossa terra, a que ele serviu com tanta dedicação e lealdade.

Préso-me de ter gosado a sua intimidade e desvaneco-me de ter sido escolhido pela sua família, não para apresentá-lo aos leitores, que disso ela não precisava — mas dizer aqui o quanto eu estimava esse belo camarada que deixou um nome querido e brilhante na agiologia intelectual do Ceará.

ANTONIO SALES

Fortaleza, Fevereiro de 1940.

FRANCELINA

*Mesma essencia de meu ser,
Onde meu sangue fervilha,
Gósto imenso de me ver
Nos olhos de minha filha.*

*Nos olhos de minha filha,
Cuja luz os meus atrai,
E' que eu vejo como brilha
Todo o meu amor de pai !*

BILHETES Á FRANCELINA

*Ah, minha filha eu te mando
(E estou certo que ele vai...)
Nos versos que estou traçando,
O coração de teu pai.*

*Meu coração é sujeito
Alvorocado na vida:
Já está batendo no peito
Como quem está de partida.*

*Ah, que ele é tão teu amigo
Que, embora siga sosinho,
Para encontrar-se contigo
Duvido que erre o caminho !*

MEU FILHO

*Meu filho ainda sem nome,
Já tem, comtudo um programa:
E' chorar quando tem fome
E sorrir depois que mama...*

*Graça de filho é bonita,
Diz todo o pai como eu:
Acho uma graça infinita
Nas graças tôlas do meu...*

ENLEVO

*Pudéra não querê-la muito e tanto
Si, na mãe de meus filhos eu não visse
Raro exemplo de amor e não sentisse
Da serena bondade o doce encanto.*

*Pudéra não querê-la muito e tanto
Si outra ambição tivesse e me sorrisse
Que a dos meus quatro filhos e a meiguice
Dela — em meu lar — meu íntimo recanto...*

Pudéra não querê-la tanto e tanto !...

BEIJOS

*Beijos de mãe são harpejos
De doces, nobres encantos
Tão diferentes dos beijos
Que dão as beatas nos santos...*

*Beijo de moça bonita
Faz bem aos nervos, faz bem !
Mas beijo de sogra é fita
Que não ilude a ninguém...*

*De beata um beijo, eu digo,
Que é melhor morrer á mingua,
Só por causa do perigo
Da visinhança da lingua...*

* * *

*Aquele beijo, criança
Que prometteste, confessa,
Nunca passou de esperança,
Nunca passou de promessa.*

*Talvez que tenham contado,
Com simulado escarcéo,
Que dar-se um beijo é pecado,
Que fecha as portas do céu.*

*Mas que impostura ! Desejo
Que te convenças, meu bem
Mesmo as ocultas um beijo
Nunca faz mal a ninguém.*

*Tantos encantos encerra
O beijo, é coisa tão boa:
Quem não dá beijo na terra,
Deus lá no céu não perdôa.*

ÁS PORTAS DO PARAISO

*Chega ao céu uma defunta
Catita, loura e franzina,
A quem São Pedro pergunta,
Sizudo, grave e profundo:
“Dansaste tango, menina?
Dansaste tango no mundo?”
— A defunta se concentra:
— Dansei, S. Pedro”*

— “Pois, entra.”

CAÇADAS

(Fundou-se em Fortaleza um Club destinado ao sport da caça, fazendo parte dele várias famílias de relevo social e a que aderiram alguns facultativos recém-formados).

*No Club dos Caçadores
Entram sócios aos magôtes,
Mas em vez de caçar... dôres
E' bem melhor caçar... dótes...*

VINGA-TE

*Si a culpa é minha, perdôa:
Nós juntos, quando dei fé
Sem querer, assim á tôa,
Sem querer, pizei-te o pé.*

*Mas, eu não quiz maltratar-te...
Si, acaso o teu pé doeu,
E queres, meu bem, vingar-te,
E 'facil: — pisa no meu !*

*Acusas um inocente,
Tu me acusas sem razão
Sem querer, ingenuamente,
Sem querer, beijei-te a mão.*

*Si achas que o fiz por maldade,
Não pedirei que me acudas,
Vinga-te: — beija, á vontade,
As minhas mãos cabeludas !*

*Mas, porque queres morrer ?
Mas, por que tanto desgosto,
Só porque, mas sem querer,
Só porque beijei-te o rosto ?*

*Si queres vingar-te, pódes:
Toma o rosto, beija a esmo,
Beija os olhos, os bigodes
Beija tudo, tudo mesmo...*

ADVERTENCIA

(Noticiam os jornais o aparecimento, nesta capital, de um galo com duas protuberancias corneas no alto da cabeça. Fortaleza-1920).

*Eis um fato banal
Que nem merece a pena comentá-lo,*

*Pois me parece muito natural
O que ocorreu ao galo.*

*Penso que o galo, como cidadão,
Tendo o seu lar... no fundo do quintal
E, na família, nome e posição,
Está sujeito
Ao mesmo preconceito
De ordem social
Que rége e orienta a vida conjugal.*

*Vê-se, portanto, positivamente,
Que a natureza tinha
De, cedo ou tarde, assinalar o mal
Pois, si a mulher do galo, infelizmente,
Foi sempre uma galinha,
A predestinação era fatal...*

* * *

*Muito cuidado, camaradas, tomem:
Si a natureza fez assim com o galo,
Pode fazê-lo muito bem com o homem...*

O BONDE

*Não me convem o bonde,
Porque nesse veículo é por onde
Circula, na maior promiscuidade,
A rafaméia,
A parte mais plebéia
Do povo da cidade.*

*Há, confesso, também outra razão:
E' que sinto sofrer minha altivez
Assim que o condutor estende a mão,
Na minha direção,*

*A requerer de mim, todo cortês,
A miséria infinita de um tostão.*

*Haveria, talvez,
Muito mais elegancia e distinção
Si a Light, em vez
De exigir os cem réis na ocasião,
Mandasse receber no fim do mês,
E aumentasse, á vontade, a conta, então,
De acordo com o contrato e o cambio a 6...*

O RETRATO

(O arquiteto Arquimedes Memória, sobrinho afim de Abílio, mandou a este o retrato de um filhinho em posição de quem está sentado num vaso noturno).

*Arquimedes, aqui chegou Passito,
De surpresa, sem ter telegrafado,
Mais gôrdo, mais corado, mais bonito,
Perfeito almofadinha o teu cunhado.*

*Ao me chegar em casa o supradito,
De malas e bagagens carregado,
Quiz logo me mostrar, todo expedito,
O retrato do Péricles sentado.*

*A Celina, ante a efígie do pequeno,
Fazendo aquilo tudo, tão sereno,
Tão calmo, tão tranquilo e tão gaiato,*

*Sorriu e comentou sisudamente:
— “Mas, isto não se faz publicamente...
Isto é lá posição para retrato!”*

EXIGENCIA

(De um testamento de Judas, em Ipu, 1919)

.....

*O Julio (coitado, é pena) ~
 Crente que só lhe convinha
 Cazar-se com uma pequena
 Que tivesse o que ele tinha,*

*Deixou que o tempo fadado
 Para esse gôso tão dôce
 Fosse passando, e, coitado!
 Hoje o que tinha... acabou-se.*

.....

PRA QUE ? !

(Havia em Ipú um velho viuvo, setuagenário e alquebrado, cuja caduquice era contrair novas núpcias. Vivía a se requebrar para o lado das moças casadoiras... Chamava-se "Barrim". Abillo farpeou o ancião gaiteiro :

*O Barrim me disse a mim
 Que se casar inda quer:
 Nas condições de Barrim,
 Pra que Barrim quer mulher ?!*

A MONSENHOR FURTADO — Cura da Sé

*Parabens pelos anos que hontem fez
 E pelos outros que há de festejar !
 Mando-lhe este soneto, que, talvez,
 Nem mesmo valha a pena conservar.*

*Logo que o leia, rasgue-o, de uma vez,
 Não caia na tolice de o mostrar
 Ao Climério (1) — doutor em Português —
 Que muitos erros nele há de encontrar.*

*Mas, isso nada vale. O que tortura
 O meu já pobre cérebro cansado
 E' ninguém dar-me explicação segura*

*Sobre este paradóxo danado:
Você nunca foi médico, mas cura,
E sempre honesto foi, mas tem furtado...*

(1) Conego Climério Chaves.

O TANGO

("Terencio" era o Padre José de Lima Ferreira, redator do
"Correio da Semana", órgão católico de Sobral).

*Terencio amado,
E' meu desejo
Mandar-te, nestas linhas, apertado
Abraço e quente, delirante beijo !
Tal beijo ardente,
Porém,
Como há de parecer a muita gente
A muita maganão,
Não tem
Sinão uma intenção
Muitissimo inocente.*

*Gostei sinceramente
Do teu artigo circunstanciado
E convincente,
Em que, sem dó, baixaste a peia
Sublimemente, santamente irado
Em toda moça feia
Que ousa dansar o tango requebrado.*

*De fato, irrita,
Num salão, ver-se que saracoteia
Uma moçoila feia,
Ficando a "fazer renda" uma bonita.
Declaro-me convencido,
Terencio, tu tens razão,
Devia ser proibido
Moça feia dansar tango em um salão.*

*Conta com a minha solidariedade
Na tua propaganda nada mansa
Contra os avanços da imoralidade !
Calculo teu tormento,
Teu grande sofrimento:
Há tortura maior, numa festança,
Que ver dansar o tango — quem não dança?!...*

*Terencio, estou convencido
De que, em toda e qualquer festa,
Nada existe de menos divertido
Que ver com os olhos e comer com a testa...*

*A bossa tu possues da convicção,
E' o que te digo !
Provaste-o, á béssa, nesse teu artigo,
Que podes realejar como sermão...
Adeus ! Reza por mim dois Padre-nossos
E aperta nestes ossos !*

NOTÍCIAS...

(Abílio Martins sabia que Tomaz Corrêa, farmacêutico em Ipú, não gostava que lhe falassem nos seus padecimentos oriundos de uma dentadura com que guarnecera os maxilares. A esse tempo, Francisco Corrêa — "Chiquinho", — filho de Tomaz — vivia aperrriadíssimo, controlando uma plantação de cajueiros naquela cidade da zona setentrional do Estado. De Fortaleza, Abílio Martins escreveu ao seu amigo :

*Tomaz, abraços !
Vou lhe mandar, nestas ligeiras linhas
E nestes breves traços
Um bocadinho de notícias minhas.
Sòmente minhas, não
Digo mal,
Pois terei, de certo, precisão
De dizer que vae bem o Abdoral. (1)*

(1) Abdoral Timbó, primo de Abílio, comerciante em Ipú e, atualmente, em Fortaleza.

*Eu levo a mesma vida
No fumo e no café...
Tenho que lhe dizer,
Porém, que uma ferida
Me apareceu no pé,
Danada prá doer !
Ferida ingrata !
Agora a trato
Com nitrato
De prata.
Sofrer é da Escritura...
E como vai você da dentadura ? !*

*Ah, Tomaz,
Muito mais
Sofreu Jesus !*

E como vai o Chiquinho com os cajús ? !

APÊLO

*Ilustre amigo coronel Tomaz
De Aquino e Sá Corrêa Benevides,
(Como é difícil se rimar em ídes!...)
Não use, amigo, Benevides mais...*

A AVENIDA DO IPU

(Para Tomaz Corrêa)

*Caríssimo Tomaz
Acabo de saber
Com extranho desprazer
Que o Chagas (1) e o João Bessa (2)
Prá lhe pegarem uma peça,*

(1) Dr. Chagas Pinto — clínico em Ipu

(2) Dr. João Bessa, coletor federal

*Afirmam que a Avenida,
Por você sugerida,
Coitada, não se faz.*

*Mas, na verdade eu lhe digo :
Póde contar comigo !*

*Essa campanha, em surdina,
E' toda feita na esquina
Do Odulfo (3), todos os dias...
O principal é o João Bessa,
E o Odulfo já não começa .
A ter as mesmas manias ?!*

*Por noticias muito vagas
Sei, entretanto que o Chagas
Caladinho também faz
Com aquela cara bisonha,
Uma campanha medonha...
O próprio Chagas, Tomaz !...*

*O prefeito, a mim, me disse
Que Avenida era tolice,
Que estava morta a Avenida.
Quando eu penso que o Prefeito
Si quizesse dava um geito...
Mas, Tomaz, isso é lá vida ?...*

*O próprio Chico Corrêa
Que tem seu sangue na veia .
Diz que a Avenida não vai !!!
Aplique-lhe um castiguinho,
Tápe a boca do Chiquinho,
Prá que dinbo a gente é pai ?!*

*O Auton (4) seu genro, me disse
Que ninguém mais lhe pedisse*

(3) Odulfo Carvalho, comerciante

(4) Auton Aragão — comerciante.

*Concurso prá cousas tais
E que a Avenida não ia...
Ah, Tomaz, mostre energia,
Mostre que é sogro, Tomaz !*

*Nesta terra há muita gente,
Que vive a rir, pela frente
E faz carêtas, por de traz...
Na frente, cara fingida,
Por de traz — pàu na Avenida...
Isso é lá gente, Tomaz ?!*

ONDE ENCONTRAR-ME

(Abílio, quando Chefe de Polícia do Governo Serpa, residia no bairro do Alagadiço — Fortaleza, 1920).

*Antonio Sales, amigo,
Eu, de mim, não me admiro
Que você faça comigo
O que já fez com o Belmiro.
Mando-lhe a róta segura,
Para abreviar-lhe o serviço:
De dia — na Chefatura,
De noite — no Alagadiço.*

“CABOCLO”

(Em resposta a um soneto de Antonio Sales e que nada tinha de alusivo ao presidente Serpa).

*Acho o Sales, Doutor, impertinente
E, sobretudo, de uma audácia rara,
Metendo-se a falar da vossa gente
Que nunca, ao que me consta, o maltratára.*

*E sendo o vosso avô precisamente
A vítima que o Sales alvejára,
Não respeitou na crítica insolente
Nem as rentas do velho tabajára...*

*Clamam vinganças os vossos ancestrais !
Meditai, refleti, um instante só:
Si contra o vosso avô é assim tenaz*

*Esta campanha pública, sem dó,
Imagine-se agora a que por traz
Se está fazendo contra vossa avó !*

NINHO DESFEITO

*“A casa onde eu nasci, no Parasinho,
Já não existe mais !
Sou no mundo como uma ave cujo ninho
Desmancharam os rudes temporais.*

*Não sòmente meu lar, mas toda a aldeia,
Pousada à beiramar,
Jaz sepultada num lençol de areia,
E ali ninguém jamais há de habitar”.*

ANTONIO SALES

* * *

*Choro contigo a deshumanidade
De um caso como este,
Pois desmancharam, sem necessidade,
O ninho em que nasceste.*

*Foi-se o teu ninho,
A tua pobre e decantada aldeia,
Onde garoto, bem pequenininho,
Talvez que nú,
Brincavas sobre a areia
Em Parasinho,
Ali bem perto de Paracuru.
As brancas dunas,
Que sempre são visinhas importunas*

*Sob o furor dos rudes temporais,
Tudo enterraram para nunca mais.*

*Desse lugar onde gosaste, outróra,
As horas mais tranquilas, mais serenas,
As noites mais amenas,
Desse lugar que era o teu ninho, agora
Restam apenas
O mar e o céu
Pois o mais, tudo desapareceu.*

*Comigo fico a meditar, pensando
E com razão, talvez,
Que ante esse crime bárbaro e nefando
Nem sequer um inquérito se fez...*

*Felizmente, porém,
Nesse desastre não morreu ninguém...
Véla por nós a Santa Providência!*

*O povo, ante a eminência
Dessa invasão estúpida, da aldeia,
Contrafeito, irritado e descontente,
Mudou-se urgente,
Mas... descompondo a areia.*

*Mesmo o comércio, aliás tão florescente
E que em progresso vinha,
Nessa delicadíssima emergência
Soube manter intègralmente a linha:
Abriu falência,
Não deu, por conta, nem uma galinha...*

*Ah, que saudades tens do Paràzinho,
Da tua pobre aldeia,
Onde nos tempos de pichitinho
Vadiavas com areia!*

*Tu deves ter saudade e tens razão,
Mas eu, quando te digo,
Que desejo também chorar contigo,
Palavra que não é de coração !*

O MAPA DA GUERRA

(Abílio boquejava, entre amigos, que Godofredo de Castro jurava pela autenticidade do seguinte episódio. Numa "roda" em que se discutia a guerra mundial, alguém, à falta de papel, desenhou todo o continente europeu sobre o vasto colete branco que cobria o imenso abdomen do Dr. Francisco Amaral. E o próprio Abílio enviou a Godofredo este bilhete assinado pela suposta vítima do mesmo:

*Você, bem sei que me ataca...
Por que motivo? Por que?
Nunca tive urucubaca,
Nunca fui como você...*

*Nem, tão pouco, a torpe intriga,
Feita á socapa, me aterra:
Nunca na minha barriga
Se pintou mapa de guerra...*

HOMO CALAMITAS

*Por que Deus castigou tão duramente,
De forma tão sumária e capital,
A de Santa Quiteria pobre gente,
Cuja bondade extrema é sem rival ?*

*Talvez que seja só do Presidente
A culpa de ser Juiz Municipal
Daquele vasto termo, atualmente,
O gordo bacharel Chico Amaral...*

*Quando o Dr. chegou — desde esse dia,
Tudo em Santa Quiteria encareceu...
Medonha sêca ali se pronuncia,*

*A raça ovina desapareceu,
Feijão, farinha, os bodes que inda havia,
A safra toda o Chico já comeu !*

EXPOSIÇÃO DE SOBRAL

*Irei à Exposição
Agro-Pecuária-Industrial
Que fazer vão,
No próximo verão,
Na próspera cidade de Sobral...
Chegando lá, porém, farei questão
Fechada e capital:
Será incluído na programação
Promover-se a especial,
Indispensável apresentação
Do desta zona gordo pessoal.*

*Já sei que enxundiosos os suínos
Estão e que, também, de rego aberto
Se encontram cavalares e bovinos:
O que eu quero, de perto,
É avaliar o tutano
De vários tipos do rebanho humano.*

*Em admirando espécimens rotundos,
Sentir-nos-emos no melhor dos mundos...
A esse de banhas grande campeonato
Julga vencer Sobral,
Com o Manoel Taumaturgo Adeodato
E o bacharel Francisco do Amaral.*

*Si Camocim quizer com juiso andar,
Desde já vaticino :
Certo seguramente há de mandar
O Coronel António Zeferino,
Raro "exemplar"*

*Que, quem sabe? talvez, facilmente consiga
Menção honrosa na secção "BARRIGA".*

*Figurar no certamen memorável
Impossível será que Ipú engeite,
Tendo um maior de espadas respeitável
No alentado juiz Francisco Leite.*

*E' bom que Ipueiras não se represente...
Que povo magro! Ave Maria! Credo!
Dizer Ipueiras é trazer à mente
A magresa esquelética do Dédo.*

*Mas, não desanimemos, não,
Pois que em compensação,
Em pêso e... pôse, para embasbacar,
A Crateus basta só
Como peso-pesado despachar
O ultra impotente Coronel Totó.*

*Pra mim seria canja
Ter de apontar quem é
Que irá por Massapé, Santana, Granja
Nova Russas, Riachão e Cariré.*

*Juntando, então, sertão e Ibiapaba,
E' gente gorda que não mais se acaba!...*

*Todos os nossos municípios têm
Quem possa muito bem
Ser seu representante oficial
Na "Agro-Pecuária-Industrial"
De Sobral,
Onde eu, só por pirraça,
Em meio a tanta banha,
Desmentirei a estúpida patranha
Do raquitismo da brasileira raça.*

*E' o pau que há:
— Gente gorda no nosso Ceará!
Assim acontecendo,
(Já estou prevendo)
Lá na Exposição
E' indispensável uma seleção:
Si, nessa árdua missão,
A Comissão Central se vir às cegas,
Apéle para o Dégas!
Não precisa fazer formal convite,
Basta que apite...*

LARANJINHA

(“Laranjinha” era o nome que Rodolfo Teófilo, propagandista contra o alcoolismo, havia dado a uma aguardente de sua fabricação).

*Passa tombando e passa o desgraçado
Sob a ação da cachaça que chupou,
Mas ele não tem culpa dêsse estado:
A culpa é mais da mãe que o fabricou.*

*O pai dêsse infeliz era um tarado
Que a vida pelas tascas arrastou,
Até que, um belo dia, enamorado
Da mãe do supradito, se casou.*

*Veja, Rodolfo, o horrível de tal cena!
Condôa-se da sorte amargurada
Dos pobres infelizes, tenha pena.*

*Não venda a “Laranjinha”, cubiçada,
Que a “Laranjinha”, pérfida, envenena
A vida desta gente desgraçada!*

QUINHENTOS MIL !

(“O SINDICATO AGRÍCOLA DE SOBRAL telegrafou ao Presidente da República, dizendo representar quinhentas mil pessoas”).

*... E Deus fez-me um aceno: — “João, vem cá,
Que idéa fazes tu, caboclo esperto,
Do prodígio das bodas de Caná,
Do milagre dos peixes do Deserto?*

*Acaso, alguém tão cético haverá
Que zombe disto, João?” — “Oh, Pai, decerto!
Há neste mundo muita gente má
Que crê sòmente no que vê de perto...*

*Pois, não duvidam, Pai, que represente
O Sindicato, nesta região,
Metade certa de um milhão de gente?*

*Precisa agora, prá evitar questão,
Que a vossa autoridade onipotente
Proclame, ó Pai, si isso é milagre ou não”...*

O VOTO FEMININO

(Petição ao Juiz Dr. Eusébio Nery Alves de Sousa).

*Ilustre e nobilíssimo Doutor,
Há de ser mais justiça que favor,
Si Vossa Senhoria,
A quem Deus guarda e guia,
Como juiz puder
Reconhecer direitos de eleitor
Em mim, que sou mulher.*

*Altivo, independente,
Maurício de Lacerda últimamente
No seio do Congresso Nacional
E em projeto de largo descortino
Teve a idéa genial
De instituir o voto feminino.*

*E’ natural, Senhor, que isso aconteça.
Na Rússia é uma delícia,*

*De lá chega a notícia:
Entrou pra o Ministério uma Condessa
Passou-se o tempo do obscurantismo,
Por toda parte vence o Feminismo.*

*Nos tempos atuais,
Ninguém, ninguém estabelece mais
Nenhuma restrição
À actividade da Mulher, capaz
De toda e de qualquer função.*

*Afirmam que o Doutor, cumprindo a lei
Fecha a questão de uma formalidade:
Exige e quer
Prova de idade !
Pois, meu caro Doutor, nunca pensei
Que se exigisse tanto de mulher...*

*Eis um ponto da lei que traz dificuldade,
Pois a mulher não diz com precisão a idade.
Prefiro não votar pois faço empenho
De não dizer quantos janeiros tenho.*

*Porque exigir prova de residência ?
Oh! essa lei só tem impertinência !
Parece picuinha:
Pois, eu não sou, Doutor, sua vizinha?
Não está o sr. certo
Que de seu lar eu moro muito perto ?*

*Prova de renda...
Para prova de renda eu tenho um meio:
Resta o Doutor dizer como pretenda
Ou como queira a renda,
Si é da renda de bico, ou de entremeio...*

*Passo-lhe às mãos o meu requerimento
E... espero receber deferimento !*

PROFECIA

*Parece que o Eusébio não desdoira
Que se chegue a dizer
Que ele fosse ao nascer,
Precisamente uma criança loura...
Nem disso faz questão,
Justiça se lhe faça!
Apenas lembra: — “Eu era um maganão
E tinha muita graça
No tempo de pequeno,
Nunca fui louro, sempre fui moreno”!*

*E ei-lo a rememorar,
Dias inteiros,
Pernas em cruz, a mão no bolso, os olhos no ar,
A época ideal de seus cueiros
E, sobretudo,
A alegre fase em que ficou taludo:*

*— “Passada a dentição,
Passou todo o perigo...
À mostra os dentes e sarado o umbigo,
Em dois tempos tornei-me um meninão!
A Natureza em mim se houve a capricho,
Eu era o bicho!
De ter sido mimoso como o diabo
E’ coisa que me gabo!
Para as garotas de meu Pernambuco
Eu era o suco!*

*Quando rapaz, após menino,
Êste meu verso assim mofino
Dizer, cantar quem foi não ousa
Eusébio Nery Alves de Souza”.*

*De espírito vivaz e falas ternas,
Eusébio prometia,*

*De vez que tudo nele progredia,
Principalmente inteligência e pernas.*

*E êle se via nas amarelas
Com o fatal crescimento das canelas:
Êste das gambias colossal progresso!
Sim, o desgosto de ser pernilongo
Fazia-o jururu e capiongo...*

*Eusébio fez no seu curso primário
Regular trajetória,
Tanto que, um belo dia, o velho Souza (1)
De saudosa memória,
Com o carinho de pai, extraordinário,
Resolveu fazer dele alguma coisa.*

*E aqui temos o jovem a estudar
O que precisaria
Alguém para alisar
Os duros bancos de uma academia.*

*Não tardou muito. Alegre, satisfeito
Mais um... mais um calouro de Direito!
A conquista do grau, a conquista do anel
Custou cinco anos mais,
Findos os quais,
Eusébio já bancava o Bacharel
Em Ciências Jurídicas e Sociais.*

*Mas, de mãos abanando,
E a coisa no Recife andando má,
Logo o esperto Doutor foi arribando
E com os costados deu no Ceará.*

(1) O pai do Dr. Eusébio

*Nomearam-no Juiz,
Mas não nasceu “pra isso” sempre diz...
Entende acha
Que dêste mundo não é palmatória,
E assim, os autos não despacha,
Não estuda Direito, estuda História.*

*A mania que o vence
E’ esfarinhar-se na História Cearense
Para, um dia, querer — vocês verão —
Passar quinaus; dar bolos no Barão... (2)
Ipu — 1917.*

SÁTIRAS POLÍTICAS

(Em 1920, quando foi da sucessão do Presidente João Tomé, estavam em foco as candidaturas Justiniano de Serpa e Belisario Távora. Houve quem pretendesse transformar o caso político em religioso, por motivo de Serpa ser maçom graduado e Belisario católico fervoroso. O inverno mostrava-se esquivo, o que inspirou a Abílio este soneto):

*Acerquei-me de Deus, lamuriento,
E, comovido disse: “Reparai;
Mais outra seca é muito sofrimento,
Com outra mais o Ceará não vai !*

*Dizei-me, por favor, o vosso intento
Sobre o destino de nós todos, Pai!
Por que, de vês, não cessa tanto vento,
Muita chuva afinal, por que não cai?”*

*— “Eis uma coisa que não faço, João !
Antes das eleições ,chuvas não dou,
Pois sei os cearenses como são...*

*“Sem candidato, embora, como estou,
Mandando inverno, já vocês dirão
Ter sido o Belisario que arranjou”...*

(2) Barão de Studart.

O REPASTO

"O meu almoço em casa de Justiniano de Serpa não tem significação política. Almocei também em casa do Dr. Belisário Távora". De um telegrama de D. Manoel.

*... E Deus me disse, grave: — "Puro engano !
Si, nunca fui, meu Filho, partidário
Não me preocupo com Justiniano
Não tenho ligações com Belisario.*

*Católico ou maçom, republicano,
Marreta ou democrata, "Folha" ou "Diário",
A nada disso eu ligo... tudo é plano,
Irradiação de contos de vigário.*

*Si o Távora vencer, sôpa no mel !
Vencendo o Serpa, é muito bom também !
E cada qual que tanja o seu batel...*

*Para evitar explorações, meu bem,
Não faço como o Bispo Dom Manoel:
Eu não almoço em casa de ninguém.*

A DOENÇA DO PRESIDENTE SERPA

*Um certo dia, o nosso Presidente,
Sem saber, de chôfre, adoeceu,
Um mês se passa, e quanto inútilmente
Nas mãos do Paracampes (1) padeceu !*

*Às pressas, vem Pinheiro (2). Infelizmente,
O mal no mês seguinte não cedeu.
Hugo (3) aparece e chama tanta gente
Que, por milagre, o enfermo não morreu.*

(1) Dr. José Paracampes

(2) Dr. Alfredo Pinheiro

(3) Dr. Hugo Carneiro

*O tempo passa e na convalescença
O enfermo está, sem se saber que doença
Foi o que teve e como se curou.*

*Diagnóstico não houve, felizmente
Graças a Deus, pois que, precisamente,
Foi essa a circunstância que o salvou...*

MISTÉRIO

*O' vós que conheceis,
De nossa gente os vultos principais,
Acaso, me dizeis
Que diabo o Rubens faz ?
Assim que o sol desperta
Nas fimbrias do horizonte,
Por uma porta do Palácio aberta
Penetra o Rubens Monte.
E passa todo o dia
O bravo capitão
Refestelado na Secretaria,
Visivelmente sem ocupação,
Perturbando o Leiria (1)
Quando aparece na repartição.
E Rubens, a fazer POSE,
Nem mais à casa vai;
Basta dizer que, afóra o Cabo Doze (2)
E 'o último que sai...
O' vós que conheceis,
De nossa gente os vultos principais,
Acaso, me dizeis
Que diabo o Rubens faz ?*

.....

(1) Dr. Leiria de Andrade — Secretário da Justiça.
(2) O porteiro do Palácio

CORRESPONDÊNCIA

I

(De João Tomé a Sousa Pinto)

*Compadre Sousa Pinto. Fortaleza.
Eu vou passando bem. Muito obrigado.
E quem não acha o Rio uma beleza,
Gozando uma cadeira no Senado ?*

*Compadre Sousa Pinto, na prestêsa
Em que lhe escrevo agora este recado
Não posso lhe afirmar si, com certêsa,
Faremos do Leiria deputado.*

*Si isto se der, a vaga do Leiria
Oferece, no caso, a solução
Tal como o Manoel Sátiro a queria.*

*Mas si este não quiser, compadre, então,
Ou você vai para a Secretaria,
Ou deixa essa política de mão !*

CORRESPONDÊNCIA

II

(De Hugo Carneiro a Monsenhor Salazar)

*Procurei Sá (1) mas Sá não disse nada,
Depois o João Tomé e este me disse:
— Entenda-se a respeito com a bancada,
Nilo fica na junta — isto é tolice.*

*Justiniano, aqui, seu nome agrada
Tanto assim era bom que você visse:
Caso não surja um nome da bancada
Nem precisava que você pedisse.*

(1) Senador Francisco Sá

*Peço informar-me, reservadamente,
Como o Pinheiro (2) vai com o Presidente
A respeito também desta questão.*

*Parece, a mim me cabe ir p'ro Senado
Você ficava bem ser deputado
E senador numa outra ocasião.*

O GRIPADO

(Ao tempo da revolução de julho de 1922, Abílio Martins era o Chefe de Polícia do Presidente Serpa. Nas noites de perigo, os amigos do situacionismo reuniam-se no Palácio do Governo, cercando o Presidente, ameaçado. Mas a essas reuniões não comparecia o deputado Rubens Monte, o que levou Abílio a chasquear :

*Corremos um gravíssimo perigo,
Este é que é o facto !
Mas, quem contar com Rubens como amigo
Durma no mato !*

*Quando o perigo desaparecia
E estava tudo calmo e socegado,
No outro dia
E' que, então Rubens nos aparecia
Todo embrulhado...
Rubens tossia...*

LIBERA NOS DOMINE !

*Que Deus nos livre a nós do desgraçado
Plano ou projecto da Instrução, que cêdo
Há de ser pelo Prado (1) apresentado
E executado pelo Godofredo. (2)*

(2) Deputado Alfredo Pinheiro.

(1) Deputado Francisco Prado

(2) Godofredo de Castro. Diretor da Instrução

*Que Deus nos livre a nós do complicado
Estilo telegráfico do Alfredo (3)
Que anda agora da Câmara afastado,
Tal como quem da Câmara tem medo.*

*Mas, perigo mais grave que do Ensino
Já se desenha, claro no horizonte...
Dele nos resguardai, ó Pai Divino !*

*Trata-se — permiti que vo-lo aponte —
Da agricultura haurida por Zé Lino (4)
E executada pelo Rubens Monte !*

DOLOROSAS INTERROGAÇÕES

*Vós, que sois todos desta grande aldeia
E que sabeis de tudo que se passa,
De tudo que se diz da vida alheia
Nos rendez-vous e nos cafés da Praça !*

*Vós todos que viveis correndo à caça
De tudo, e em tudo enfim metendo a peia,
A rir e a comentar, com rara graça
A prosapia de quem se pavoneia.*

*Ah! não me acheis, acaso, impertinente,
Si eu vos pedir agora explicação
De um caso que interessa muita gente...*

*E' a respeito, senhores, da Instrução:
Onde dá Godofredo (1) o expediente ?
Onde é que fica a tal Repartição ?*

(3) Deputado Alfredo Pinheiro.

(4) Deputado José Lino da Justa

(1) Godofredo de Castro — diretor da Instrução Pública

URUCUBACA

(Versos atribuídos a Godofredo de Castro).

*Quando o Zé Povo percebeu que tinha
Os fluidos da miudinha
Fui alvo de ironia,
Tornei-me para logo o principal
Responsável por todo e qualquer mal
Que a alguém acontecia.*

*Eu uma empresa de automóveis tinha,
E arrebentou-se a empresa...
Os pândegos aqui, de Fortaleza,
Alvejaram-me logo — “E” a miudinha” !*

*Eu era rabelista
E, dentro do partido, homem da ação
Era, como inda sou,
No entanto, um democrata, à minha vista,
Cheio de indignação,
Um dia me gritou:
— “Você nos estragou:
Por sua causa veio a Intervenção!” .*

*Entrei para o Unionismo,
Porém, sem culpa minha,
Em pouco tempo estávamos no abismo...
Todo mundo dizia: — “E” a miudinha”*

*Virei marrêta
E, ó realidade atroz !
A coisa vive preta
E o partido marrêta em maus lençoes...*

De Maranguape lá na Exposição

*Funcionava o Congresso.
Quando a palavra eu peço,
Mas nisto a luz apaga-se e o salão
Fica na mais completa escuridão...*

*De andar pelo nordeste tive a idéa,
E veio a inundação...
Entrei para a Assembléia:
Cadê reforma da Constituição ?!*

*Medito, penso, em toda parte, a êsmo :
— “Mas eu terei urucubaca mesmo” ?*

FÉRIAS POLÍTICAS

(Versos atribuídos a Godofredo de Castro).

*Agora, no meu canto, retraído
E socegado,
Feliz por tanta encrenca ter vencido
E haver realizado
O meu sonho doirado,
Que era ter o meu osso garantido
Na gamela do Estado,
Eu solicito encarecidamente
E peço, por favor,
Não sugiram meu nome ao Presidente
Na embrulhada questão de Senador.*

*Eu vivo agora calmo e refletido,
Não quero agitação !
Demais, já me disseram que o Partido,
No tocante à gravíssima questão,
Há de encontrar,
De certo, pela prôa,
Além do Sousa Pinto o Salazar (1)
E muita gente bôa.*

(1) Monsenhor Vicente Salazar.

*Actualmente, em política não penso.
Nem desejo, tão pouco, me envolver...
Creio que o próprio Professor Lourenço
De mim, no tal embrulho da Instrução
Não tenha o que dizer...
Dá-me também que a bela cavação
Do mármore do turco, que é meu sócio,
Si a urucubaca não se intrometer —
Garanto que é negócio
Que dá, graças a Deus, para eu viver.*

*Si o negócio for bom, como parece,
E o lucro tentador, como cálculo
E o turco já me expôs,
Uma destas três coisas acontece,
Aqui para nós dois:
Ou o turco me engole, ou eu o engulo,
Se não nos engulirem a nós dois...*

J. D. F.

(Em 1913, o magistrado conterraneo João Damasceno Fontenele teve seria desinteligência com o Presidente Franco Rabelo, não atendendo ao ato do governo estadual que o transferia da sua para outra comarca. Abílio Martins, que, então escrevia epitafios para meio mundo, compôs o seguinte para o Dr. Fontenele).

*Foi em Viçosa que nasceu o João...
E, quando João nasceu lá na Viçosa,
Já foi com vocação
Pra vida preguiçosa
De juiz substituto no sertão.*

*Cara, pescoço e pernas tudo fino...
E fino em tudo mais!
(Foi até bom morrer assim menino
O pobre do rapaz)...*

*O Franco o removeu,
E o João virou*

*E o João teimou
E o João mexeu,
Até que, enfim,
Foi os ossos deixar no Camocim.*

CARNES VERDES

*O assunto carnes verdes vai rendendo,
A Câmara e o Prefeito estão brigando:
Ninguém sabe dos dois quem sai perdendo,
Ninguém sabe dos dois quem sai ganhando.*

*A Câmara, os projectos resolvendo,
As leis, uma por uma, vai votando:
Do seu lado, o Prefeito, recebendo
As leis, uma por uma vai vetando.*

*Isso aos edís parece um desacato...
Agora, é o caso, edís, de responderdes
Às represálias do Prefeito ingrato.*

*Pena é de legislar nada entenderdes:
Magarefes da lei do inquilinato,
Vós sois bachareis em carnes verdes.*

ESPERANÇAS

*Está-me a parecer
Que essa encrenca do Hermes não vai bôa...
Vocês vão ver:
Há de soar e sôa
O grito da revolta,
Cái o Hermes, sobe o Rui e o Franco volta!*

*Eu nem quero pensar
No que há de acontecer*

*No dia em que o Rabelo regressar...
Virgem Maria!
Naquele dia
O mundo se incendeiava:
Eu sei que o Franco afróxa
O Emílio, o Zé Carvalho e o João da Rocha,
E a coisa é feia!*

*Eu sei que o Franco vem!
Isso é por dias,
Nossa causa é ganha!
Ai, coração,
Meu bem,
Nessa ocasião
Muito marrêta apanha!*

QUESTÃO DE SORTE

*A inditosa "Reação"
Que, enquanto viva, fez e aconteceu,
Embora diga o Távora que não,
Eu penso que morreu.
E, salvo engano,
A Dissidência,
A quem Deus haja na mansão da Glória,
Parece o fiasco mais republicano
De toda a nossa História.*

*Veja-se agora
Como o destino é sempre complicado
E como as coisas deste mundo são
Para quem é caipora:
Após tudo passado,
Após a agitação,
O Nilo continúa no Senado,
Mas o Hermes continúa na prisão...*

VOVÓ

Chama-se "VoVó" o improvisado canhão que as forças rabelistas conduziram para o sertão, quando da insurreição do Juazeiro.

Foi a "Vovó"
Transformar o Juazeiro
Em brazeiro
Em pó.

E deixou a pacata Fortaleza,
Dando a certeza
Aos ralebús (1)
Que ela — a "Vovó",
Embora só
Era capaz de dar o Juazeiro
Aos urubús.

Além de ir a "Vovó"
Prá reduzir o Juazeiro a pó
A gente má
Mandou, de contrapeso,
O Emílio Sá
Para trazer o Doutor Flóro preso,
Dias depois,
Telegráfica, depressa,
Alviçareira, esplendida demais,
Corre a notícia de que os dois
— O Emílio e a "peça"
Tinham chegado ao seu destino em paz.

De então por diante, o Chefe, em Fortaleza,
Longe da "zona das operações",
Passa a telegrafar para os sertões

(1) Apelido dos Rabelistas.

Esta impagabilíssima belêsa:

— “*Toda resistência é vã,*

E’ caso liquidado:

Juazeiro já cercado!

Vovó fala amanhã..”

E estribilhou-se que fazia dó:

“*Amanhã ! amanhã fala a Vovó ! ”*

Mas o tempo foi correndo,

Foi correndo,

E as coisas se encrencando.

Se encrencando,

E parecendo

Que era a “Vovó” um bluff formidando,

Um bluff horrendo...

E um bluff baita realmente foi!

Viu-se a zougada gente rabejú

Num c...

De boi !

Notícias da “Vovó” em plena luta

O fio traz,

Mas não nos diz se a bruta

Tão fumegante,

Tão fulminante,

No tredo instante

Fala por diante

Ou por detraz...

Quem quizer agora ver

Gente agastada a valer

Basta apenas perguntar :

— “*Cidadão ou cidadã,*

Faz favor de me informar

Si a Vovó fala amanhã”?!

*O novo Presidente,
Como todo mineiro é escovado
E, pra nada dizer,
Dirá naturalmente:
— “Eu, por mim, nada posso resolver...
São coisas do Senado”.
Bravos! dessa maneira,
O Presidente neutro e abrindo mão.
E, breve estará tudo resolvido,
Pois o nosso Moreira
Cabalará com gosto na questão
E, então,
Veremos nosso Senador metido.*

*Mas, francamente,
A mim não me repugna confessar-vos:
Toda essa profecia é tão somente
Pra embelecar os parvos...*

*Achais que não?
Pensais que tudo dará certo, ao fim?
Pois, eu acho que sim:
A gente rabejú da oposição
Irá mais é comer da banda ruim...*

EPITAFIOS

EUSEBIO DE SOUSA

*Desta cova nas “bases” decorando
O catecismo, como bom cristão.
Pernilongo juiz aqui descança
A quem “sobrou talento e faltou pão...”
Assassinou a fiança provisória
E brigou tanto pela compostura
Do Jury, que os jurados o chamavam
O Padre Lyra da Magistratura...*

LEONARDO MOTA

*Aqui dorme a soneca da inocência . . .
Quem no Juri . . . de Ipueiras foi falado;
Possuidor de inviolável cabeleira
Nuns tempos em que andou mais inspirado.
Gostava de falar dos "neurastenicós",
E era tal por jornais sua paixão
Que espalhava o seu nome renitente
Nas "Gazetas" de todo este "Sertão". . .*

Dr. J. O. R.

*Deu aqui o último baque
Quem nunca mudou de fraque . . .
Si, como poeta "passava"
Como juiz "era assim" . . .
No Olimpo dos magistrados
Era o mais gordo o Joaquim.*